

MAPA CIENTÍFICO DAS PESQUISADORAS DA UFRB

SCIENTIFIC MAP OF UFRB FEMALE RESEARCHERS

Camila Ferreira Moraes¹, Beatriz de Jesus dos Santos²,
Larissa Almeida Bião e Souza³, Cristiane Agra
Pimentel⁴

DOI: 10.37702/REE2236-0158.v41p64-72.2022

RESUMO

A desigualdade existente entre os gêneros é uma questão que persiste ao longo dos anos em toda humanidade por diversos aspectos sociais. Após anos sendo privadas dos saberes científicos, as mulheres vencem tal barreira e conseguem entrar no mundo acadêmico, porém ainda são limitadas as suas áreas de atuação, sendo as áreas da Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática – *Science, Technology, Engineering e Mathematics* (STEM) – ambientes ainda predominantemente masculinos. As mulheres que tentam conquistar o espaço nas áreas de STEM ainda sofrem preconceitos, têm suas capacidades testadas e muitas ficam pelo caminho, porém o número que persiste vem crescendo e é possível vislumbrar um cenário promissor. As docentes de STEM da UFRB retratam bem esse cenário que ainda não é o ideal, mas que traz perspectivas positivas para o futuro das mulheres da área de STEM.

Palavras-chave: mulheres; STEM; gênero; pesquisadoras; docentes.

ABSTRACT

The existing inequality between genders is an issue that persists over the years in all humanity due to different social aspects. After years of being deprived of scientific knowledge, women overcome this barrier and manage to enter the academic world, but their areas of activity are still limited, being the areas of Science, Technology, Engineering and Mathematics (STEM) environments still predominantly male. Women who try to conquer space in the STEM areas still suffer prejudices, have their skills tested and many stay on the path, however the number that persists is growing and it is possible to glimpse a promising scenario. The STR professors at UFRB portray this scenario that is not yet ideal, but that bring positive perspectives for the future of women in the STEM area.

Keywords: women; STEM; gender; researchers; teachers.

INTRODUÇÃO

É possível notar a conquista feminina no ambiente das áreas de Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática – *Science, Technology, Engineering e Mathematics* (STEM). Entretanto, essa realidade por muitos

séculos não existiu. O primeiro homem a ser doutor em Matemática no Brasil recebeu seu título há 172 anos, no ano de 1848 (MARTINS, 2014), enquanto a primeira mulher, Maria Laura Mouzinho Leite Lopes, recebeu o mesmo título no Brasil apenas em 1949, de acordo com os dados do Museu de Astronomia e Ciências

¹ Graduanda em Engenharia Civil pela faculdade Pitágoras – Irecê; cfmoraes13@gmail.com

² Graduanda do Bacharelado em Ciências Exatas e Tecnológicas pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – Feira de Santana; bs88712@gmail.com

³ Graduanda do Bacharelado em Ciências Exatas e Tecnológicas pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – Cruz das Almas; biaolarissa@gmail.com

⁴ Docente no curso de Engenharia de Produção da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – Feira de Santana; cristianepimentel@ufrb.edu.br

Afins (MAST, 2016), um atraso de mais de 100 anos se comparados os gêneros, atraso esse que é refletido até o momento atual.

Em 2016, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2016) anunciou que apenas 28% dos pesquisadores do mundo eram mulheres. Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2018), as mulheres eram maioria nos cursos de graduação no Brasil, enquanto os cursos de STEM apareciam em terceiro lugar entre os mais escolhidos por homens; para as mulheres, eles ficavam em quinto no *ranking*.

Embora a desigualdade ainda exista, é importante observar como em pouco mais de um século as mulheres conseguiram avançar na conquista de seus espaços. Dados do Censo de Grupos de Pesquisa do CNPq mostram que entre 1995 e 2014 as pesquisadoras do Brasil passaram de 39% para 50% do número total. O aumento também aconteceu para as líderes de grupos de pesquisa que, durante o mesmo período, passaram de 34% para 46% (GALOÁ, 2018). Esse avanço é perceptível na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), onde, mesmo as docentes mulheres sendo minoria, muitas de suas produções científicas se equiparam às dos docentes homens.

Retratar as mudanças de cenário que estão acontecendo na área de STEM é de suma importância, uma vez que essa área carrega saberes que por anos foram atrelados apenas aos homens, impedindo a entrada e ocultando da história muitas mulheres. Documentar a realidade de gênero das docentes da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) vai além de um mapeamento de dados, é uma forma de mostrar como as mulheres, ao longo dos anos, estão conquistando seu espaço e se tornando parte da trajetória científica mundial.

A ENTRADA TARDIA DAS MULHERES NOS CURSOS DE STEM

No Brasil, as mulheres passaram a ocupar vagas nas universidades de forma significativa na década de 1960, conforme mostram Custodio e Bonini (2019), mas, apesar do ingresso tardio, em 2001, 53,3% dos estudantes matriculados nas universidades eram mulheres, assim como 63,4% da totalidade dos estudantes que se formaram no ensino superior (CUSTODIO; BONINI, 2019). Em 2017, as mulheres representavam nas universidades brasileiras 57% do total de estudantes dos cursos, índice maior do que a média global que é de 52% (INEP, 2019).

Contudo, no que diz respeito à ocupação nos cursos das universidades, a inserção de homens e mulheres não acontece proporcionalmente nas diversas áreas de conhecimento, conforme afirmam Soares, Melo e Bandeira (2014). As expectativas para uma mudança nas estatísticas referentes a um maior ingresso de mulheres nas áreas das exatas e uma equidade gênero foram bastante sutis. Apesar de já se terem passado 20 anos desde que as mulheres se tornaram a maioria no ensino superior, a participação feminina continua concentrada nas áreas de Humanidades, Saúde e Educação (SOARES; MELO; BANDEIRA, 2014).

A presença feminina no nível superior, mesmo ultrapassando a masculina, é emitida de forma desigual pelos campos do conhecimento, mostrando assim uma sub-representação das mulheres nas áreas das carreiras de STEM (CUSTODIO; BONINI, 2019). Com base em um estudo feito entre 2009 e 2017 do censo de educação superior do INEP, Okawati e Bonini (2019) observaram que, nos cursos da área de STEM, a característica mais marcante entre eles no Brasil é a baixa participação do gênero feminino: a presença das mulheres brasileiras é de apenas 30%, destoando do índice de ocupação total de universitárias.

A necessidade de compreender quais obstáculos influenciam a não inclusão das mulheres em carreiras das áreas de STEM e a tardia entrada delas nesses cursos traz à tona um

debate sobre fatores socioculturais que atuam diretamente nessas escolhas. No relatório da UNESCO (2016) é afirmado que a escolha por uma carreira está atrelada a um processo de socialização e a estereótipos que são propagados de inúmeras maneiras para meninas desde muito cedo. A criação dessas meninas, muitas vezes, apresenta um estigma de que as escolhas por profissões das áreas de STEM não são compatíveis com elas, fazendo-as acreditar que esses seriam cursos “masculinos” e que a aptidão feminina para esses campos tende a ser inferior à masculina. Essas concepções são extremamente errôneas, mas, por essas questões, a confiança das meninas tende a diminuir, bem como o seu interesse em se envolver com disciplinas de exatas (UNESCO, 2016).

Um fator determinante, também, para o afastamento de meninas e jovens mulheres das áreas de STEM é a ausência de representações e modelos femininos nessas áreas. Uma pesquisa realizada com meninas em idade escolar mostrou que quando elas vivenciam experiências positivas relacionadas às ciências, mas não encontram inspirações e exemplos de figuras femininas que as representem nesse espaço, isso diminui o desejo delas de se tornarem cientistas. Mulheres cientistas são apenas esporadicamente retratadas em livros ou convidadas para programas televisionados para crianças, e jovens mulheres tinham, até pouco tempo, escassos exemplos femininos de profissionais das engenharias, ciências e tecnologias (BLICKENSTAFF, 2006).

Os discursos elaborados socialmente que reproduzem a ideia de que o campo de STEM não é para mulheres foram a causa para o retardo do ingresso dessas mulheres nesses cursos. Várias cientistas, matemáticas e físicas foram perdidas por causa do dilema daqueles que prejulgam as capacidades intelectuais das meninas para as áreas das exatas. Cada vez que uma jovem tem menos incentivo para fazer algo que seja considerado para o sexo oposto, os estereótipos de gênero funcionam como freio para possibilidades de aprendizado (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016).

A sub-representação feminina nas áreas de STEM é uma problemática que terá que ser bastante trabalhada no presente, para que se

consiga futuramente obter resultados melhores sobre a participação das mulheres nos cursos das ciências exatas. Já no cenário atual, tem-se que continuar a promover avanços na inclusão e na caminhada em direção ao aumento da igualdade de gênero nos ambientes universitários e nos campos de STEM, o que, além de contribuir para o avanço da ciência, contribui para a diversidade e abre novos horizontes para novos caminhos e descobertas.

SEGREGAÇÃO FEMININA NA PESQUISA CIENTÍFICA NAS ÁREAS DE CIÊNCIAS EXATAS

Em certos âmbitos da ciência a mulher é sub-representada, e esse fator tem gerado uma discussão considerável. Tendo a percepção de que se trata de um problema enraizado, diversos estudos denotam as barreiras estruturais à participação das mulheres, relacionando a discriminação sexual no emprego ao tipo de socialização e educação que as meninas recebem (HARDING, 2008).

As questões segregatórias dentro das carreiras científicas com relação à questão de gênero se tornam, portanto, perceptíveis, tendo em vista a análise de dados desagregados que levem em conta as eventuais especificidades por área do conhecimento, juntamente com a assim denominada segregação hierárquica (ou vertical) (CITELI, 2020). Conhecida também como teto de vidro, a segregação hierárquica é pautada pela forma lenta como as mulheres ascendem em suas carreiras, o que se observa a partir de uma análise comparativa da progressão profissional masculina (LIMA, 2013).

A segregação multidimensional é um fator que marca a carreira científica de muitas mulheres. Trata-se da associação persistente, da feminização em áreas como Saúde e Educação, Humanidades e Ciências Sociais (KELLER, 1985).

Por sua vez, tem-se a segregação vertical, que resulta na concentração de mulheres em posições intermediárias ou inferiores da carreira científica e na constatação de que as mulheres recebem menos em relação aos homens.

A segregação institucional se expressa na presença feminina deficitária nas instituições de prestígio e no grande número de pesquisadoras em empregos de tempo parcial ou com vínculos instáveis.

A segregação multidimensional alimenta o fenômeno do “teto de vidro”, o qual é uma metáfora para estruturas formais e preconceitos subjacentes que criam empecilhos relativos ao acesso e à progressão feminina nas carreiras científicas, nas altas hierarquias organizacionais e nos setores mais lucrativos da economia (LEWIS, 2014).

Embora tenham acontecido alguns avanços relacionados à equidade de participação de mulheres e homens no mercado de trabalho, a situação das mulheres no domínio das áreas de Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática continua deficitária (ETZKOWIT; KEMELGOR; UZZI, 2000).

Estudos apontam a desigualdade de gênero na produção e produtividade científica, no financiamento de pesquisa e no sistema de recompensas da ciência, ao evidenciar discrepâncias de citação, premiação e reconhecimento entre as partes. Uma análise demonstrou que cientistas homens citam mais autores do que autoras em suas publicações (KNOBLOCH-WESTERWICK; GLYNN; HUGE, 2013), o que acarreta a falta de visibilidade no que concerne aos escritos de mulheres cientistas. A associação da menor produtividade ao gênero feminino é ressaltada em inúmeros estudos referentes aos mais variados campos científicos, observados durante longos períodos e em diferentes países (FERREIRA et al., 2008).

A média de mulheres publicando é menor do que a metade da média dos homens, o que gera a sugestão de que o sexo constitui um importante fator de variação, diretamente relacionado ao número de publicações. É possível observar também que as discrepâncias, em sua maioria incumbidas socialmente com relação à mulher e ao homem, tendem a gerar desvantagens para as mulheres, já que a publicação é um dos fatores mais determinantes para o desenvolvimento da carreira ainda durante a formação em nível de doutoramento (FERREIRA et al., 2008).

Um fenômeno conhecido como “Efeito Matilda” se deu pelo fato de as mulheres cientistas receberem menos créditos do que os homens; o nome desse fenômeno foi dado em homenagem à ativista norte-americana Matilda J. Gage, que chamou atenção para o viés de gênero que ocultava as contribuições das mulheres inventoras, ainda no final do século XIX (MELO; OLIVEIRA, 2006).

Não há uma formalidade consensual no que diz respeito às disparidades entre homens e mulheres nos seus níveis de produtividade acadêmica. É, no entanto, sabido da necessidade e da importância que esses estudos têm para a construção de métricas e indicadores desagregados por gênero que, além do diagnóstico, podem orientar a concepção e o planejamento de políticas públicas ou programas e projetos que visem à redução ou eliminação da inequidade de gênero na ciência e tecnologia.

METODOLOGIA

O presente trabalho é construído por meio de pesquisa quantitativa, a qual foi realizada por intermédio da plataforma do *Lattes* vinculada ao CNPq. Levando em consideração um recorte de cinco anos, foram coletadas informações de todos os currículos *lattes* dos docentes da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) de quatro centros que abrangem a área de STEM. Tais dados foram inseridos pelos docentes na plataforma. Ainda, é importante ressaltar que, em grande parte dos currículos verificados, as informações não haviam sido atualizadas no ano presente de 2020.

Foram usados como parâmetros da pesquisa o gênero dos docentes, as quantidades de artigos publicados em periódicos, artigos publicados em anais de congresso, projetos de extensão, projetos de pesquisa, livros, capítulos de livros e patentes. As informações coletadas foram armazenadas numa planilha de Excel, mesmo programa no qual foram gerados os gráficos a partir das informações obtidas.

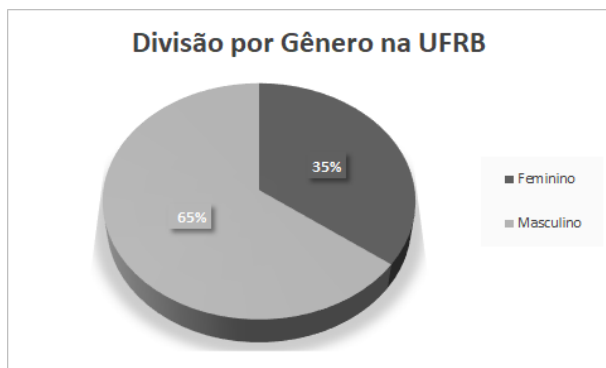
RESULTADOS E DISCUSSÕES

Criada em 2005, a UFRB é uma universidade *multicampi*, com seus centros de ensino localizados em sete cidades do recôncavo da Bahia. O Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas (CETEC) e o Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas (CCAAB) estão localizados em Cruz das Almas. Em Feira de Santana está o Centro de Ciências e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade (CETENS) e em Amargosa o Centro de Formação de Professores. Todos esses centros possuem áreas de STEM e foram analisados neste trabalho.

DIVISÃO DE DOCENTES POR GÊNERO

Pode-se observar no Gráfico 1 como a UFRB apresenta uma média maior que a mundial (de 28%) de pesquisadoras (UNESCO, 2016); as docentes de todas as áreas de STEM da universidade somam 35% de todo o corpo docente.

Gráfico 1 – Divisão de docentes por gênero na UFRB

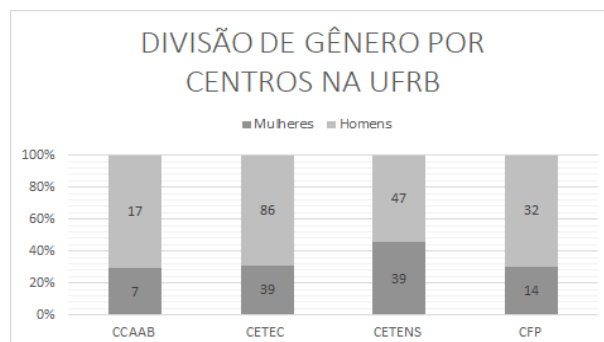


Fonte: elaborado pelas autoras.

Porém, quando se analisa a divisão de gênero por centro (Gráfico 2), é possível observar que a menor desigualdade se encontra no Centro de Ciências e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade (CETENS), no qual as mulheres representam 45% do corpo docente. Enquanto isso, nos demais centros, as mulheres não representam mais do que 32% dos docentes. O CETENS é um dos *campi* mais

recentes da UFRB, tal fato pode ter contribuído para um corpo docente mais igualitário.

Gráfico 2 – Divisão de gênero por centros na UFRB



Legenda: Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas (CCAAB), Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas (CETEC), Centro de Ciência e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade (CETENS) e Centro de Formação de Professores (CFP).

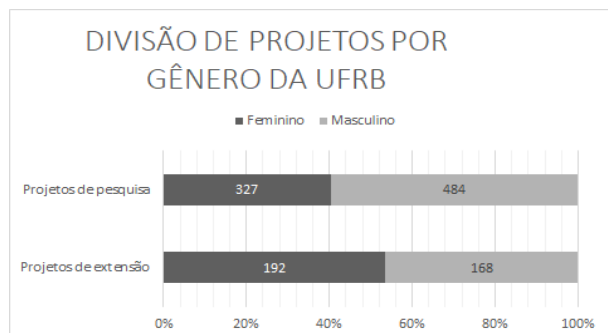
Fonte: elaborado pelas autoras

Entre os centros com menor número de mulheres está o Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas (CETEC), o qual possui como principais áreas de conhecimento a Matemática e a Física, além de cursos de Engenharia, em que há uma grande disparidade entre o número de homens e mulheres, como é o caso da Engenharia de Computação e da Engenharia Elétrica. Por outro lado, o Centro de Ciência e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade (CETENS) oferece cursos como Tecnologia de Alimentos e Engenharia de Produção, que são opções comumente escolhidas por mulheres (LOMBARDI, 2006). As áreas predominantes em cada centro refletem na desigualdade de gênero de seus corpos docentes.

Quando se analisa projetos desenvolvidos por gênero, os dados obtidos através da coleta quantitativa de projetos de extensão e pesquisa entre todos os docentes apresentam resultados interessantes, demonstrados no Gráfico 3. Evidencia-se que, nos projetos de pesquisa, as docentes são responsáveis por 40% dos projetos ativos em 2016 até o momento atual; por outro lado, quando se considera os projetos de extensão, durante o mesmo período, as mulheres lideram, sendo responsáveis por 53% dos projetos. Tais dados demonstram que as docentes são responsáveis pela maior parte da

ciência da UFRB, com maior afinidade para extensão, a qual nos últimos cinco anos tem impactado na comunidade fora da academia.

Gráfico 3 – Divisão de Projetos por gênero da UFRB

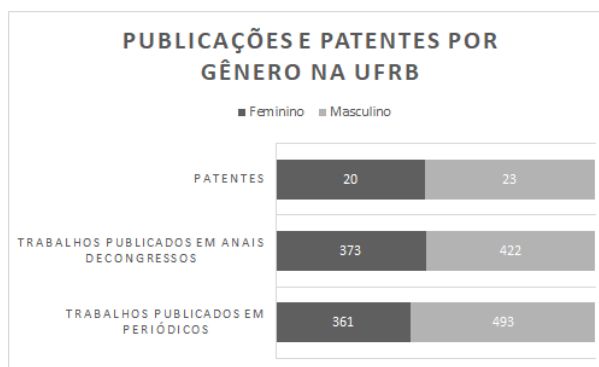


Fonte: elaborado pelas autoras.

O papel da universidade como transformadora da comunidade externa é de suma importância para o desenvolvimento, assim como a quebra de barreiras entre esses dois espaços que coexistem no mesmo mundo, mas que muitas vezes não interagem diretamente (RODRIGUES et al., 2013). Além disso, os projetos de extensão facilitam o desenvolvimento de profissionais mais humanos e sensíveis às questões que existem na nossa sociedade.

Outros aspectos importantes para análise são as publicações em periódicos e patentes, retratados no Gráfico 4. Neste são evidenciadas as quantidades de artigos publicados em periódicos, anais de congresso e patentes, por gênero, nos últimos cinco anos. As docentes da UFRB publicaram pouco mais de 42% dos artigos em periódicos. Em anais de congresso esse número cresce e chega a 46,50%, dados maiores que a proporção entre os gêneros na área de STEM. Além disso, também se pode observar em relação ao número de patentes que as docentes ficam em desigualdade em apenas três patentes.

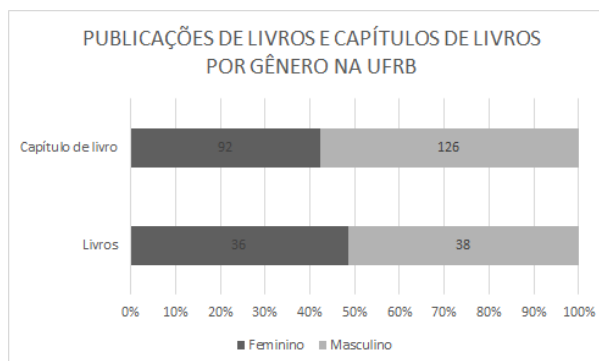
Gráfico 4 – Publicações e patentes por gênero na UFRB



Fonte: elaborado pelas autoras.

Por último, mas não menos importante, o Gráfico 5 expõe os dados de publicações de livros e capítulos de livros por gênero, no qual se pode constatar que 42% dos capítulos de livro são publicações das docentes; ainda, quando se observa as publicações de livros, as mulheres apresentam um percentual de 48%, com apenas duas publicações a menos do que o número de publicações dos docentes do gênero masculino.

Gráfico 5 – Publicações de Livros e Capítulos de Livros por Gênero da UFRB



Fonte: elaborado pelas autoras.

Os dados analisados evidenciam a urgência de soluções para o problema de gênero das áreas de STEM. Apesar de o cenário se mostrar promissor, demonstrando como as docentes estão garantindo cada vez mais seu espaço no mundo científico, produzindo e publicando ciência, as mulheres ainda são minoria na academia quando se analisa o campo das ciências exatas.

CONCLUSÕES

Foi possível evidenciar que as docentes da UFRB da área de STEM, mesmo sendo minoria entre o corpo docente, conseguem obter bons resultados em suas produções científicas, criando um cenário promissor para as jovens que pretendem adentrar o mundo das ciências exatas, assim como para as mulheres que já fazem parte dele.

Compartilhar para a comunidade externa dados de mulheres cientistas da área de STEM que fazem pesquisas e projetos na região do recôncavo baiano mostra como a produção científica não está tão distante como se imagina, quebrando barreiras não só de gênero, mas também barreiras sociais que existem acerca da produção acadêmica no Brasil.

Dessa forma, é imprescindível documentar o crescimento feminino no mundo acadêmico e científico. Sendo assim, o presente artigo retrata dados que evidenciam o avanço das mulheres no mundo das áreas de STEM, as quais, por anos, foram excluídas e apagadas da história. Mesmo existindo mulheres cientistas que contribuíram com o avanço da humanidade, poucas são retratadas nos livros e reconhecidas como peças fundamentais para as ciências exatas.

Ademais, este trabalho proporciona uma perspectiva de dentro da academia que promove uma visibilidade maior à presença dessas mulheres nesse espaço, além de apresentar para a sociedade o quanto de pesquisa científica as mulheres produzem e acrescentam no meio acadêmico e social. Sendo assim, documentar a história das cientistas da UFRB e seus feitos é de grande importância para continuar a mudança de cenário das questões de gênero nas áreas de STEM.

REFERÊNCIAS

- BLICKENSTAFF, J. C. Women and science careers: leaky pipeline or gender filter? **Gender and Education**, v. 17, n. 4, 2006.
- CITELI, M. T. Mulheres nas ciências: mapeando campos de estudo. **Cadernos Pagu**, v. 15, 2000.
- CUSTODIO, C.; BONINI, P. Educação Superior e Trabalho em Santa Catarina: um enfoque nas carreiras de aplicação direta de ciência e tecnologia – STEM. **Revista Textos de Economia, Florianópolis**, v. 22 n. 1, 2019.
- ETZKOWITZ, H.; KEMELGOR, C.; UZZI, B. **Athena Unbound: The advancement of women in science and technology**. Cambridge University Press, 2000.
- FERREIRA, L. O. et al. Institucionalização das ciências, sistema de gênero e produção científica no Brasil (1939-1969). **Hist. cienc. saúde-Manguinhos**, v. 15, supl., 2008.
- GALOÁ JOURNAL. **Infográfico: mulheres na ciência brasileira**. 2018. Disponível em <https://galoa.com.br/blog/infografico-mulheres-na-ciencia-brasileira>. Acesso em 05 dez. 2020.
- HARDING, S. **Sciences from below: Feminisms, postcolonialities, and modernities**, Raleigh: Duke University Press, 2008.
- INEP. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Sinopse Estatística da Educação Superior 2018**. Brasília: Inep, 2019. Disponível em <https://portal.inep.gov.br/basicacenso-escolar-sinopse-sinopse>. Acesso em: 15 nov. 2020.
- INEP. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Censo da Educação Superior 2017**. Brasília: Diretoria de Estatísticas Educacionais-Deed, 2018. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/docman/setembro-2018-pdf/97041-apresentac-a-o-censo-superior-u-ltimo/file>. Acesso em: 05 dez. 2020.
- KELLER, E. F. **Reflections of gender and Science**. New Haven: Yale University Press, 1985.
- KNOBLOCH-WESTERWICK, S.; GLYNN, C. J.; HUGE, M. The matilda effect in science communication. **Science Communication**, v. 35, n. 5, out. 2013.
- LEWIS, P. Postfeminism, femininities and organization studies: exploring a new agenda. **Organization Studies**, v. 35, n. 12, 2014.

- LIMA, B. S. O labirinto de cristal: as trajetórias das cientistas na Física. **Revista Estudos Feministas** v. 21, n. 3, 2013. Universidade do Estado de Santa Catarina, 2019, Florianópolis. 29o. SIC UDESC, 2019.
- LINS, A. B.; MACHADO, B. F.; ESCOURA, M. **Diferentes, não desiguais**: a questão de gênero na escola. São Paulo: Reviravolta, 2016. RODRIGUES, A. L. L. et al. Contribuições da extensão universitária na sociedade. **Caderno de Graduação - Ciências Humanas e Sociais**, v. 1, n. 2, 2013.
- LOMBARDI, M. R. Engenheiras brasileiras: inserção e limites de gênero no campo profissional. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 127, 2006. SOARES, C.; MELO, H. P.; BANDEIRA, L. O trabalho das mulheres brasileiras: uma abordagem a partir dos censos demográficos de 1872 a 2010. **Anais... XIX Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, São Pedro-SP, 2014.
- MAST. Museu de Astronomia e Ciência Afins. **Há 65 anos, primeira mulher tornava-se doutora em matemática no Brasil**, 2016. Disponível em: <http://www.mast.br/pt-br/ultimas-noticias/ha-65-anos-primeira-mulher-tornava-se-doutora-em-matematica-no-brasil.html>. Acesso em: 05 dez. 2020. UNESCO. ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Data for the Sustainable Development Goals**. 2017. Disponível em <http://uis.unesco.org/>. Acesso em: 05 dez. 2020.
- MELO, H. P.; OLIVEIRA, A. B. A produção científica brasileira no feminino. **Cadernos Pagu**, v. 27, 2006. UNESCO. ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Institute of Statistics. **Womens in science**. 2016. Paris. Disponível em <http://uis.unesco.org/en/topic/women-science>. Acesso em: 17 mar. 2020.
- OKAWATI, G. A. A.; BONINI, P. Representatividade STEM em termos de formação em nível superior. **Anais... 29o. Seminário de Iniciação Científica**

DADOS BIOGRÁFICOS DOS AUTORES



Camila Ferreira Moraes – Graduanda de Engenharia Civil pela faculdade Pitágoras - Irecê, ex-vice presidente do *Women In Engineering* da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2020.



Beatriz de Jesus dos Santos – Graduanda do Bacharelado Interdisciplinar em Energia e Sustentabilidade pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - Feira de Santana. Atualmente é Presidente do *Women In Engineering* da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e vice-presidente do Núcleo Baiano de Engenharia de Produção.



Larissa Almeida Bião e Souza – Graduanda do Bacharelado em Ciências Exatas e Tecnológicas pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Ex-presidente do *Women In Engineering* UFRB, 2020.



Cristiane Agra Pimentel – Docente no curso de Engenharia de Produção da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, orientadora do projeto *Women In Engineering* e membro sênior do IEEE.